
Entrevistado/a: Maria Emília Lubian

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 8 de Maio de 2025

Local: Fundação Escola Técnica Liberato - Novo Hamburgo

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória e vínculo com a instituição

Maria Emília Lubian atua como professora de Língua Portuguesa e Literatura na Fundação Escola Técnica Liberato. Desenvolve projetos relacionados à linguagem, à escrita e à produção audiovisual, com destaque para o projeto Voluntários de Mídias, por meio do qual coordena estudantes na captação e no registro de atividades institucionais, culturais e de pesquisa. Seu vínculo com a escola é marcado pela articulação entre ensino, projetos formativos e ações de extensão.

A Fundação Liberato como escola abrigo

A entrevistada contextualiza a transformação repentina da Fundação Liberato em escola abrigo durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024. Relata que a instituição passou a acolher pessoas e animais em situação de vulnerabilidade em meio a um cenário de intensa instabilidade e urgência. Destaca que a escola se encontrava no centro de um “turbilhão” de acontecimentos, exigindo rápida adaptação do espaço e das rotinas institucionais.

Mobilização estudantil e cultura da cooperação

Maria Emília enfatiza o papel fundamental dos estudantes no processo de organização do abrigo, destacando a forte cultura de gincana existente na

instituição. Segundo a entrevistada, as equipes estudantis mobilizaram-se de forma rápida e solidária, organizando colchões, roupas, mantimentos e materiais doados, como se participassem de uma grande gincana, porém voltada ao auxílio humanitário. Ressalta que a agilidade, a cooperação e a capacidade organizativa dos jovens surpreenderam tanto os docentes quanto as famílias acolhidas.

Espaço físico e condições de acolhimento

Maria Emília relata que o abrigo foi instalado no ginásio da escola, espaço construído em 2010, que dispõe de banheiros e áreas adequadas para banho. A entrevistada relata que, apesar das limitações próprias de um abrigo emergencial, como a ausência de divisões privativas, buscou-se organizar o espaço de forma a garantir o máximo de conforto possível. Destaca que a disponibilidade de água, assegurada por meio da caixa d'água da instituição, foi um fator decisivo para viabilizar o acolhimento, especialmente diante da escassez enfrentada em outras localidades da região.

Alimentação e apoio comunitário

Maria Emília explica que a alimentação dos abrigados foi garantida por meio da mobilização da comunidade, que preparava e entregava marmitas prontas, uma vez que a escola não dispõe de estrutura de cozinha ou equipe de merenda. Relata também iniciativas pontuais de confraternização e cuidado simbólico, como a realização de churrascos e a organização de homenagens no Dia das Mães, evidenciando a dimensão afetiva do acolhimento.

Trabalho voluntário e adesão dos profissionais

A entrevistada destaca que a atuação no abrigo foi voluntária e espontânea. Relata que muitos professores, técnicos e membros da gestão também foram diretamente afetados pelas enchentes, alguns encontrando-se ilhados. Ainda assim, aqueles que conseguiram acessar a escola se mobilizaram para colaborar, tanto na Liberato quanto em outras instituições e comunidades, reforçando uma rede solidária ampliada.

Suspensão das aulas e retorno às atividades escolares

Durante o período de funcionamento do abrigo, as aulas foram suspensas por aproximadamente um mês, em razão das dificuldades de acesso à escola, da situação dos estudantes desabrigados e da instabilidade no acesso à internet. No retorno às atividades, a entrevistada ressalta que a escola adotou uma postura de recuperação gradual dos conteúdos, considerando os impactos emocionais e materiais vivenciados pelos alunos.

Impactos emocionais nos estudantes

Maria Emília relata situações de forte abalo emocional entre os estudantes atingidos pelas enchentes, incluindo perdas materiais, mudanças abruptas de moradia e traumas decorrentes da experiência. Menciona casos de alunos que demonstraram sofrimento, dificuldades de concentração, episódios de choro em sala de aula e até a intenção de desistir do curso. Avalia que o ano letivo foi atípico e que os impactos emocionais repercutiram diretamente nos processos de aprendizagem.

Registro da experiência e produção audiovisual

Por meio do projeto Voluntários de Mídias, a entrevistada coordenou a produção de um documentário que registrou a experiência do abrigo. Destaca que o grupo optou por registrar principalmente os relatos de voluntários, professores, funcionários e ex-alunos que atuaram no acolhimento, respeitando as orientações éticas e evitando a exposição de pessoas em situação de vulnerabilidade. O documentário buscou narrar sentimentos de gratidão, pertencimento, utilidade social e missão cumprida expressos pelos participantes.

Aprendizados e significados da experiência

Ao refletir sobre os significados da experiência, Maria Emília destaca conceitos como cooperação, cidadania, resiliência e humanização da educação. Enfatiza que a vivência no abrigo possibilitou a materialização de valores institucionais relacionados à formação humana integral, evidenciando que a escola ultrapassa a transmissão de conteúdos e se constitui como espaço de cuidado, solidariedade e compromisso social. A entrevistada expressa o desejo de que experiências tão dolorosas não se repitam, mas ressalta a importância de que a comunidade escolar esteja mais preparada para agir em contextos de crise.

Destaca a retomada das ações de voluntariado na instituição e avalia que o engajamento solidário promove crescimento humano, senso de pertencimento e fortalecimento da cidadania, reafirmando o papel da escola como agente de transformação social.